

Pastorado e missão — teologia e prática

Pontos para um debate¹

Roberto E. Zwetsch

Resumo: Texto apresentado num encontro entre professores/as da Escola Superior de Teologia (EST) e do Centro de Ensino Teológico (CETEOL). A relação entre pastorado e missão na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é repassada historicamente, em especial no que diz respeito às suas expressões na Faculdade de Teologia, de São Leopoldo. Discute-se a pertinência do reconhecimento oficial de um ministério missionário nesta Igreja. O texto desemboca em reflexões sobre o estudo da teologia na EST hoje, especialmente em sua relação com a missão e a espiritualidade.

Resumen: Texto presentado en un encuentro entre profesores/as de la Escuela Superior de Teología (EST) y del Centro de Enseñanza Teológica (CETEOL). La relación entre pastorado y misión en la Iglesia Evangélica de Confesión Luterana en Brasil (IECLB) es revisada históricamente, especialmente en lo que dice respecto a sus expresiones en la Facultad de Teología, de São Leopoldo. Se discute la pertinencia del reconocimiento oficial de un ministerio misionero en esta iglesia. El texto desemboca en reflexiones sobre el estudio de la teología en la EST hoy, especialmente en su relación con la misión y la espiritualidad.

Abstract: This is a text that was presented at an encounter of the professors of the Escola Superior de Teologia (EST) and of the Centro de Ensino Teológico (CETEOL). The relationship between the pastorate and mission in the IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) is viewed historically, especially as it relates to its expression within the Faculdade de Teologia (Theological Seminary), in São Leopoldo. The importance of official recognition of the missionary ministry in this Church is discussed. The text leads to reflections about the study of theology at the EST today, especially in its relationship with mission and spirituality.

1. É muito oportuno estarmos à mesa para debater o sentido de nossa tarefa como professoras e professores numa escola de Teologia. Trabalhamos para formar pessoas que irão se dedicar à pregação e anúncio do evangelho de Cristo, aquela boa notícia que nos redime do egoísmo, da auto-suficiência e, no limite, da morte. Ao mesmo tempo, nos franqueia a vida autêntica, a liberdade e a fé que salva. A serviço deste evangelho — que Paulo define como o *poder de Deus* — é que dedicamos boa parte de nossos esforços, nosso conhecimento e dedicação. Tarefa

grandiosa, urgente, compromissiva e, por vezes, extenuante. Apesar disso, tarefa grata, alegre e frutífera.

Por isso mesmo, costumo às vezes iniciar minhas aulas cantando. Vocês precisam ver como estudantes gostam e respondem bem à proposta. Admiro também colegas que fazem assim. Marie Krahn, por exemplo, está ensinando belas canções judaicas que a turma aprende até mesmo com passos de dança. Se o estudo da teologia consegue aliar fé, conhecimento e vivência cantante, ele promete bons frutos. Não nos esqueçamos que a forma mais popular de expansão da mensagem da Reforma foi o canto e a música.

2. O pastorado já está em discussão há muito tempo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Desde muito há críticas, debates, avaliações, perguntas, dúvidas e sérios questionamentos. Isto é salutar. Ao mesmo tempo, nas duas últimas décadas, sobretudo, houve um aceleração da mudança de perfil do pastorado. Ao longo da sua história, a IECLB passou por sucessivos modelos de pastorado. A partir do final do século passado foi se consolidando um certo tipo de pastorado que, no final dos anos 70, se denominou *pastorado de atendimento*. Tratava-se de um modelo segundo o qual o/a pastor/a atende a paróquia e a comunidade nos ofícios e demais serviços previstos, quase abdicando de sua identidade. É um modelo *reativo* de pastorado, que se acomoda e se adapta à comunidade e suas exigências, ficando em segundo plano as exigências e implicações do próprio evangelho. Este modelo teve seus méritos, mas precisa ser superado².

3. Com as mudanças sócio-econômicas e as crises políticas no país, principalmente a partir dos anos 60, a realidade brasileira se apresenta de forma muito diferenciada. Isto afetou profundamente as igrejas. O ensino na Faculdade de Teologia em São Leopoldo foi sempre uma caixa de ressonância da situação nacional e eclesial, mesmo considerando que naqueles anos o tipo de teologia ensinado estivesse ainda por demais preso à matriz do pensamento teológico europeu, sobretudo à teologia crítica alemã. Os anos de luta por reformas de base, mais tarde a experiência de fechamento e autoritarismo imposto pela Ditadura Militar (1964-1984) e a luta de resistência dos setores democráticos e de oposição ao Regime Militar, tiveram enorme repercussão em nossa escola como também na Igreja. Debates intensos se fizeram incentivando opções diferentes, mais conseqüentes quanto ao tipo de prática da fé e de vivência do pastorado que o momento exigia. Exageros à parte, houve muitas iniciativas positivas que suscitaram reflexão, mudando o perfil do pastorado: pastorados missionários, movimentos missionários, ações conjuntas, programas de parceria, pastorados mistos de casais, pastorado feminino, pastorados em frentes e fronteiras, pastorados em comunidades indígenas, pastorados de tempo parcial, pastorados específicos com estudantes, drogaditos, mulheres, agricultores sem terra, atingidos por barragens e assim por diante. Trata-se de uma intensa procura por redefinir o ministério tornando-o encarnado nas novas realidades sociais do país e em resposta aos clamores e angústias espirituais e sociais de nosso povo. Isto repercutiu na escola de Teologia.

Hoje se fala em pastorado comunitário, aprendizagem em diálogo com a comunidade, o povo de Deus. Exercício de fidelidade, com idas e vindas, em constante autocrítica, aberto aos outros para melhor servir e dar testemunho da verdade. Caminhos e propósitos compartilhados em oração e gratuidade. Aprender a aprender como método e como conteúdo na disponibilidade diante do que o Espírito diz às igrejas.

4. Vale lembrar que foram a Juventude Evangélica e o estudantado da Faculdade de Teologia que mais se destacaram na luta pelo português como língua de expressão e vivência da fé evangélica. Ao lutar pela língua nacional, desde o final dos anos 50, todo um novo referencial cultural e social passou a constituir o ponto a partir do qual se estudou teologia e se buscou fazer teologia evangélica no Brasil. Foi uma mudança de grande repercussão na nossa história recente, cujas conseqüências ainda não estão terminadas. Foi uma luta que, de longe, ultrapassou a questão lingüística, pois adiantou um processo de inserção da fé na terra brasileira que ainda não alcançou toda a sua envergadura e potencialidade. O teólogo alemão Ulrich Hees, numa palestra a universitários evangélicos de confissão luterana, em 1961, chegou a dizer o seguinte: “Somente quando a cultura brasileira for examinada responsavelmente a partir do evangelho, a Igreja evangélica estará em casa na realidade espiritual e cultural brasileira — mesmo com distância crítica”³. O teólogo missionário Georg F. Vicedom, após visita ao Brasil, nos fins dos anos 60, escreveu: “A Igreja Luterana no Brasil terá influência somente quando tiver teólogos autóctones pelos quais poderá falar às pessoas e ao público. Por isso deveriam ser promovidas as instituições teológicas de tal maneira que possam tornar-se centros de teologia autóctone. Quem na América Latina vier ao encontro das questões religiosas das pessoas, também terá um dia as pessoas.”⁴

5. Quando em meados dos anos 70 a teologia latino-americana da libertação começou a entrar vigorosamente no nosso horizonte eclesial e social, não foi surpresa que a Faculdade de Teologia da IECLB estivesse aberta a sua influência. Os debates daqueles anos, por vezes bem conflituosos, são conseqüência da decisão histórica tomada no pós-guerra, isto é, ser Igreja evangélica de confissão luterana *no Brasil*. A realidade social, o autoritarismo, a falta de liberdades democráticas, as questões sociais como inflação, salários de fome, custo de vida, miséria, favelização, falta de reforma agrária, falta de incentivo à pequena agricultura, imposição de novas tecnologias no campo e assim por diante passaram crescentemente a fazer parte da discussão teológica. Discipulado, novas formas de pastorado, comunidade missionária, contribuição proporcional, vida de fé e oração, leitura da Bíblia e realidade, educação cristã e pedagogia libertadora são exemplos de temas que se tornaram constantes na discussão teológica e não saíram mais dela, ainda que um ou outro ganhe relevância em certos momentos.

6. A história da IECLB revela o que alguns chamam de déficit missionário. Na verdade, esta Igreja surgiu no país como Igreja de transplante, Igreja étnica.

Como tal, procurou, ao longo de várias décadas, preservar a herança recebida e organizar a vida comunitária com zelo e muito escrúpulo. Mas, em grande parte, isto ocorreu à custa de sua tarefa missionária, o que precisa ser reconhecido e assumido. O germanismo ainda hoje nos assusta e distancia da realidade. Contudo, a IECLB, nesta segunda metade do século, começou a aprender o que é ser Igreja missionária. Assim, a missão foi ganhando relevância. Missão como objetivo para a concretização da Igreja nacional. Missão como resposta ao evangelho de Deus e à fé em Cristo. Missão como passo fundamental para o crescimento da Igreja. Missão como serviço à salvação das pessoas. Missão como libertação das injustiças, da fome, da doença e da desvalorização do ser humano no país. Estes foram alguns dos pontos do debate que se iniciou a respeito da compreensão do sentido da Igreja: *ser comunidade missionária no Brasil*. Este passou a ser um tema permanente desde então na IECLB e certamente não poderá sair mais de nossa agenda. Pois diz respeito ao próprio da Igreja. Pode-se afirmar nesta linha de pensamento que a Igreja existe em função da missão e não o contrário.

7. Na Faculdade de Teologia a ascensão da missão como tema teológico prioritário se manifestou na criação da Cadeira de Missiologia nos anos 80. Ainda nos anos 70 o currículo apresentava a Teologia Prática subdividida, *grosso modo*, entre pregação (homilética), aconselhamento pastoral (poimênica) e catequética (educação cristã). Mais tarde, esta divisão foi se ampliando e foram surgindo outras disciplinas específicas: culto cristão, comunicação, ciências da religião e, nesse contexto, também a missiologia. Isto revela algo positivo: a missão ganhou um espaço explícito e específico na formação teológica. Por outro lado, com frequência nos vemos às voltas com a abrangência da questão. Missão não é algo que se acrescenta à teologia como um apêndice. Pois a teologia brota precisamente da missão. Além do mais, cada área teológica contribui à sua maneira para a missão, para o serviço do evangelho. Assim, tenho defendido que, no estudo teológico, importa nos perguntarmos pela *dimensão missionária* de nossa tarefa, de nosso estudo, de nossa ação.

8. Essa compreensão está alicerçada num conceito de missão que me parece fundamental. Missão é a razão de ser da Igreja de Jesus Cristo. Se sua Igreja, e nela a escola teológica, não se coloca a serviço da missão, ela perde a serventia, seu sal não tem mais sabor, pode vir a ser consumida pelo tempo e se torna inútil. E mais: deveria estar claro para nós que o sujeito da missão é Deus mesmo e que por isto se fala em *missio Dei*. O povo de Deus — a *ecclesia* — é chamado e convocado para concretizar esta sua ação no mundo. A missão jamais será obra humana, de gente especialista. Membros da Igreja, homens, mulheres, jovens e até mesmo crianças fazem parte dessa ação divina, pela graça de Deus. Pastoras, pastores, missionários, lideranças e outros servidores e servidoras são, apenas, *colaboradores* nessa imensa, inesgotável e misericordiosa tarefa que é espalhar o evangelho e os sinais do Reino neste mundo humano que Deus ama. Esse anúncio se resume em dizer que o reino de Deus está próximo em Jesus Cristo e que para

entrar nele e fazer parte de sua realidade é preciso mudar de vida, de pensamento e de perspectiva (o Novo Testamento usa para isto a palavra *metánoia*, cf. Mc 1.15).

9. O pastorado, a meu ver, é, portanto, um dos serviços na *missio Dei*. Pastorado que não especifica sua função como parte da missão não atinge seu objetivo último. A Igreja, a comunidade de fé e suas lideranças são instrumentos privilegiados da missão de Deus. Esta realidade de fé precisa ser redescoberta insistentemente. Nesse sentido, não posso concordar com uma visão mecanicista e estática do pastorado, como se sua função terminasse na satisfação das necessidades religiosas da comunidade, por mais justas e verdadeiras que sejam (pregação, ritos, aconselhamento). O pastorado está a serviço do evangelho e do povo de Deus. Na América Latina, afirmamos com mais radicalidade que este serviço tem uma perspectiva e um ponto de partida prioritário: os mais pobres, os aflitos, as pessoas desesperadas, sofredoras e desvalorizadas. Quando fizemos esta descoberta a partir da teologia da libertação, fomos reler Lutero e nos demos conta de que também o Reformador tinha isto muito claro, ainda que nossas situações históricas fossem muito diferenciadas. Um exemplo ajuda aqui. No Prefácio ao NT, Lutero escreveu o seguinte:

Portanto também enxergamos que ele (Cristo) não fica insistindo, mas convida amavelmente e fala: “Bem-aventurados são os pobres” etc. E os apóstolos utilizam a palavra: “eu exorto”, “eu peço”. Assim se vê em toda a parte que o evangelho não é um livro de leis, e sim apenas uma pregação dos benefícios de Cristo, a nós apresentados e concedidos, assim o cremos... (pois) onde estiver a fé, ela não consegue se refrear, ela se comprova, irrompe e confessa e ensina esse evangelho diante das pessoas e por ele arrisca a vida. E tudo que ela vive e faz, destina-o ao proveito do próximo, para lhe ajudar, não só que ele alcance semelhante graça, mas também no que tange o corpo, propriedade e honra (da mesma forma) como ela vê que Cristo lhe fez, seguindo, portanto, ao exemplo de Cristo. Isso também é o que Cristo quer dizer, uma vez que em última análise ele não deu nenhum outro mandamento senão o amor. Nele se deveria reconhecer quem seriam seus discípulos e crentes verdadeiros; pois onde não irrompem as obras e o amor, a fé não está bem, o evangelho ainda não pegou, e Cristo ainda não foi bem reconhecido.⁵

É por esta e outras razões que não estou suficientemente convencido da decisão dos Concílios da IECLB quanto à criação do chamado *ministério missionário*. Para mim, este ministério está incluído no ministério da *pregação da Palavra e da administração dos sacramentos*. É um desdobramento autêntico dele. Mas de modo algum separado. Por isto teremos um tempo de calorosos debates daqui para a frente. Como disse em Rodeio 12 em outubro de 1998, penso que somente a prática e o tempo nos dirão da oportunidade e da justeza dessa decisão. Resta-nos acompanhar com interesse o que a sua concretização nos haverá de mostrar em termos de complementaridade e inovação em relação ao ministério pastoral.

10. O estudo de Teologia é extremamente exigente. Isto traz não poucas complicações para estudantes no Brasil. Os cursos secundários vêm apresentando uma flagrante defasagem nas últimas décadas, em especial o ensino público e gratuito. Na década de 90, com o desmonte das políticas públicas causado pela

opção neoliberal dos sucessivos governos, a questão educacional ficou ainda mais atingida e preocupante. Em nossa escola recebemos estudantes sobretudo do interior do país (a minoria vem das capitais e regiões metropolitanas), onde a defasagem do ensino é ainda mais acentuada. Em sua maioria, este estudantado vem da escola pública, pois nosso povo é de classe média baixa ou pobre mesmo. Por sua vez, o currículo apresenta ainda um agravante para este tipo de estudantado: ele traz muitas exigências quanto às línguas, tanto no próprio português como nas línguas bíblicas e contemporâneas de pesquisa. Isto faz com que, nos dois primeiros anos, o estudantado invista muito tempo em estudos lingüísticos. Como se sabe, este é um estudo que exige muita dedicação, paciência e disciplina. Nem sempre o estudantado que chega a São Leopoldo está preparado para passar por essa porta estreita que leva ao estudo da teologia. Tudo parece por demais técnico, complicado e cansativo. Quando chegarei à teologia, de fato?, se perguntam com frequência estudantes de São Leopoldo. Além desse problema, existem outros: autonomia de estudo (não há inspetores), descoberta da vida estudantil em liberdade, extravasamento dos limites de convivência, introdução em novo método de estudo que exige muito de cada qual (leituras, trabalhos escritos, preparo em casa, prazos, técnicas de redação e outros itens). Tanta novidade acaba por fazer com que estudantes fiquem, por vezes, desorientados. Além disso, é preciso considerar ainda a saudade da família, o distanciamento da comunidade de origem e das amizades, a preocupação financeira com o custo dos estudos e da manutenção e, nos últimos anos, a incerteza quanto ao trabalho futuro. Por isto, se pratica um certo acompanhamento que vale principalmente para estudantes do primeiro ano, com grupos de interação e grupos informais de professores/as e estudantes. Mas penso que esta questão é uma das que merece entre nós constante conversa e busca por melhor encaminhamento. Ainda não encontramos uma forma adequada de realizar o acompanhamento individual.

11. No contexto da iniciação ao estudo da teologia, se levanta a pergunta pela relação entre teoria e prática. É uma relação dialética muito complicada. Por vezes ouvimos de certas pessoas de comunidade: “O novo pastor não está bem preparado”; ou: “O que vocês estão fazendo em São Leopoldo?”. E então nos questionamos sobre nossos métodos, ênfases teológicas e preparo prático. Não há respostas prontas de como resolver o impasse entre teoria e prática. Costumo dizer, contudo, que uma boa prática exige uma bem fundamentada teoria e vice-versa. Uma boa teoria se manifesta numa prática pastoral coerente e criativa. Mas isto só pode ser testado *in loco et situatione*, como costuma dizer um colega nosso. Algumas iniciativas tomadas ao longo dos anos mostraram a disposição de aliar criativamente teoria e prática. Nunca como nos últimos anos tivemos tanta ênfase na teologia prática e no exercício prático do método teológico. A nossa talvez seja uma das escolas de Teologia que mais oportunidades oferece de realizar inserções práticas *durante* o estudo de Teologia. E ainda assim, com frequência ouvimos de estudantes a reclamação de que nosso estudo é por demais academicista. Alguns dos que puderam realizar intercâmbio na Alemanha ou em países do Terceiro

Mundo, quando retornam, são os primeiros a perceber as diferenças e a reconhecer os avanços que realizamos na EST em relação a essa questão.

Temos o estágio como um momento privilegiado no meio do curso para realizar um balanço do estudo em confronto com a vida comunitária. Temos os seminários de Teologia Prática com inserção. E, mais recentemente, o pré-estágio ou metodologia do trabalho comunitário realizado em comunidades da vizinhança e grupos de serviço, como atividade específica para o primeiro ano. Mas o que repito com frequência a estudantes é o seguinte: nesta época de estudos, a prioridade é para o estudo. Provavelmente, nunca mais vocês terão tanto tempo e condições especiais para aprofundar-se em certos temas teológicos fundamentais. Quem estuda, sabe o que custa ler um livro, fazer uma pesquisa ou escrever um trabalho. A pressa, o pragmatismo, o ativismo e a superficialidade nesse caso conspiram contra o bom aproveitamento e, no futuro, contra uma boa prática pastoral condizente com a realidade e as necessidades do nosso povo. Evidentemente, há exageros. Por isto, cada qual precisa encontrar o seu próprio ritmo de trabalho, nível de esforço e satisfação no estudo e aprendizado.

12. Por fim, um tema que acompanha tudo o que aqui foi dito. A meu ver, estudar Teologia é diferente de qualquer outra matéria por razões as mais diversas. Mas uma é especialíssima: a teologia tem a ver com a vida, com o sentido da nossa vida, do nosso ser. Ela mexe com a alma, com o coração, com as entranhas, com as emoções, com o nosso futuro. Exige conhecimento, disciplina, desejo e muito mais. Exige uma constante avaliação de si mesmo. Daí o fato de não se admitir em teologia um estudo frio e objetivo. Quem mexe com fogo pode se queimar. Quem estuda Teologia, da mesma forma. Daí a necessidade de uma profunda espiritualidade. Acusa-se com frequência nossa escola de apresentar uma defasagem na espiritualidade. Isto até pode ser verdade. Mas vejo que nos últimos tempos há tentativas de trazer à tona esta dimensão da vida cristã, não só como algo de edificação individual mas também comunitário. Temos feito experiências fortes de culto comunitário e eucarístico, que acontecem sempre às quartas-feiras, no meio da manhã, além de jejum comunitário, que nos vão ajudando a encontrar a espiritualidade que dá vida ao estudo de Teologia. Isto acontece também, por vezes, em sala de aula e em outros momentos. A partir de 1999, por iniciativa de um grupo de estudantes e professores a partir de um Seminário sobre Liturgia, constituiu-se na EST a Congregação Litúrgica Bet Tefilah. Esta congregação providenciou um novo local para *orações diárias*, que desde abril de 1999 estão acontecendo na capelinha Bet Tefilah em quatro horários (6, 13, 18 e 22 h), de segunda a sábado, com células responsáveis por cada horário. A idéia foi reservar um local na EST aberto *24 horas* no qual qualquer pessoa pudesse entrar para meditar e orar. Quanto à espiritualidade pessoal, fica difícil de avaliar. Mesmo assim, este é um desafio que vamos precisar assumir com mais força e criatividade.

De qualquer forma, é muito importante aprender daquilo que Gustavo Gutiérrez diz da teologia da libertação: que o seu método é sua espiritualidade e que

na raiz dessa reflexão está um encontro com o Senhor Jesus Cristo, que se apresenta concretamente para nós hoje escondido no rosto dos pobres e oprimidos. E que fazer teologia só pode ser efetivado a partir do seguimento de Jesus⁶. É isto que estamos tentando exercitar na linha de um estudo de Teologia inserido no contexto brasileiro. Se estamos conseguindo atingir nosso objetivo, é uma pergunta aberta que nos fazemos permanentemente. Daí por que precisamos do contato com comunidades e mesmo outras igrejas e escolas de Teologia para aferir a quantas andamos. Este encontro com professoras e professores do CETEOL se insere nesse propósito. Agradeço por sua paciência. Que Deus nos ajude nessa empreitada na caminhada do Reino.

Notas

- 1 Texto apresentado no Encontro entre Professores/as do Centro de Ensino Teológico (CETEOL) e da Escola Superior de Teologia (EST), realizado em São Bento do Sul, no dia 21/10/1998. Estes encontros anuais têm se tomado regulares já há vários anos e são uma oportunidade de estudarmos temas que nos aproximam para um diálogo animador e frutífero.
- 2 Cf. Huberto KIRCHHEIM (ed.), *Pastorado em discussão*, São Leopoldo : Sinodal, 1979, especialmente artigo de Richard WANGEN, p. 39-48.
- 3 O texto é de 1966 e está citado por Rolf SCHÜNEMANN, *Do gueto à participação*, São Leopoldo : Sinodal, 1992, p. 60 (nota 61).
- 4 Georg F. VICEDOM, *Alte Kirche im jungen Raum*, Neuendettelsau : Freimund, 1968, p. 32.
- 5 Martinho LUTERO, *Pelo evangelho de Cristo*, trad. Walter O. Schlupp, São Leopoldo/Porto Alegre : Sinodal/Concórdia, 1984, p. 176.
- 6 Gustavo GUTIÉRREZ, *Beber no próprio poço*, Petrópolis : Vozes, 1984, p. 150s.

Roberto E. Zwetsch
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS

Salmo de quem estuda Teologia

Eis-nos aqui, Senhor, diante de Ti
com o rosto e o coração pulsante
buscando sondar o conhecimento
que vem de Ti e a Ti se dirige.

Eis-nos, carregados de perguntas,
muitas vezes de temores e angústias,
outras tantas de certezas e conquistas
que nos fazem arrogantes.

Perdão, Senhor, por tanta ligeireza.
Aceita que diante da Tua face coloquemos
o nosso coração, a nossa alma,
o nosso inteiro ser que a Ti clama.

De Cristo somos, para Cristo andamos,
em Cristo vivemos, com Cristo pelejamos.
Quem nos separará do amor de Cristo?
Será sofrimento, perseguição ou fome?

Será nudez, perigo ou espada?
Se por amor de Ti somos entregues à morte
todo dia e parecemos como ovelhas
caminhando ao matadouro do mercado moderno

acaso isto tudo poderá nos separar de Ti?
Lembra-nos que em todas estas situações
somos mais que vencedores,
por meio daquele que nos amou.

Ajuda-nos a crer como Paulo, o apóstolo,
para o qual nem morte, nem vida,
nem anjos, nem principados,
nem cousas do presente, nem do porvir,

nem poderes, nem altura,
nem profundidade, nem qualquer outra criatura
poderá separar-nos do amor de Deus
que está em Cristo Jesus.

Ó profundidade da riqueza,
tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!
Quão insondáveis são os seus juízos
e quão inescrutáveis os seus caminhos!

Quem, por acaso, conheceu a mente do Senhor?
ou quem foi o seu conselheiro?
Ou quem primeiro deu a ele
para que lhe venha a ser restituído?

Porque dele e por meio dele
e para ele tudo o que existe, é.
A este Deus servimos e buscamos. Que Ele
nos envie para o meio do seu povo nesta terra brasileira. Amém.

*P. Ms. Roberto E. Zwetsch
Diretor da Faculdade de Teologia
São Leopoldo, 26 de março de 1999,
no 53º aniversário da Faculdade de Teologia da IECLB*